



REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8, 9 E 10

Infraestrutura desafia nova fronteira de crescimento do Litoral Norte

EM PAUTA

Perereka's projeta investimentos de R\$ 25 milhões nos próximos cinco anos



PEREREKA'S/DIVULGAÇÃO/JC

Indústria, que já tem presença forte no Sul do Brasil, produz 80 mil pacotes de salgadinhos por dia e quer chegar a 100 mil pacotes diários

Empresa da Serra Gaúcha tem linha com 11 produtos vendidos nos três estados do Sul do País

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Com um nome peculiar, a Perereka's, que atua há mais de 20 anos no Rio Grande do Sul no ramo de salgadinhos e pipocas, alcança a produção de 80 mil pacotes por dia. Ao mirar a entrada em grandes redes do varejo, o negócio projeta expansão.

Atualmente, a empresa tem duas fábricas em Caxias do Sul, onde foi fundada, e uma em Sapucaia do Sul. Um novo terreno, próximo à ERS-118, também em Sapucaia, foi adquirido neste ano para o plano de expansão dos próximos cinco anos, o que vai agregar 18 mil metros quadrados de espaço produtivo.

A projeção é que sejam aportados R\$ 25 milhões no local ao longo do período,

caso o mercado responda como os empreendedores esperam e a produção chegue a 100 mil pacotes por dia. Em março deste ano, foi concluído um ciclo de investimento de R\$ 1,8 milhão, que incluiu a compra de maquinário. Há, ainda, o objetivo de construir uma planta em Cascavel, no Paraná, mais a longo prazo.

A Perereka's atende, atualmente, os três estados do Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Inicialmente famosa pelas pipocas doces coloridas (sabores natural, chocolate, morango e tutti frutti), a marca expandiu para uma grande variedade de salgadinhos de milho e trigo.

Os sabores mais conhecidos incluem queijo, parmesão, requeijão, cebola e salsa, churrasco, pizza e bacon. Hoje a linha contempla 11 itens, e o próximo lançamento será a pipoca amanteigada.

Os pacotes da Perereka's são figurinhas carimbadas em grandes redes de supermercados, atacadistas e no comércio de bairro, mas opera

também com vendas diretas e entregas em feiras locais. A empresa é reconhecida na sua comunidade local por ações de cunho social, sendo parceira em projetos que distribuem alimentos para crianças em datas comemorativas como Natal, Páscoa e Dia das Crianças.

O nome da empresa não surgiu de forma aleatória, como conta o sócio-fundador do negócio Adamir Anderle, que toca a companhia ao lado do irmão Adair. "Pensamos em botar um nome que atraísse a criança e, ao mesmo tempo, o adulto. A palavra e a imagem das pererecas veio a calhar. Tinha que ser um nome de impacto, e que a pessoa não esquecesse. Deu muito certo porque fica aquela sacanagem para o adulto e a brincadeira para a criança", afirma.

Após duas décadas de mercado, a Perereka's gera 40 empregos diretos e um "número incontável" de indiretos, diz Anderle. Crescer em Sapucaia do Sul, conforme o empresário, acompanha, também, o

ritmo da cidade.

A InBetta, que reúne marcas como a Bettanin, Atlas e Sanremo, anunciou, em 2025, um Centro de Distribuição na região. "Tem um monte de empresas que está vindo para cá. Esse futuro aqui está promissor", avalia.

No ramo em que atua, a Perereka's se define como líder de mercado, perdendo apenas para a multinacional Elma Chips. Para Anderle, o segredo para esse resultado é investir em qualidade constantemente.

Segundo ele, os produtos são selecionados de forma minuciosa: a matéria-prima, como o milho, vem de Goiás, e a gordura, do Pará. A produção, por enquanto, não é exportada para outros países, mas isso está nos planos.

"Temos a intenção, mas precisamos crescer. A gente não consegue dar o suporte aqui ainda, só construindo uma nova linha", expõe, citando a importância da aquisição do novo terreno em Sapucaia do Sul.

Raio-x

- **Empresa:** A. Anderle Produtos Alimentícios
- **Ano de fundação:** 2000
- **Cidade de origem:** Caxias do Sul
- **Área de atuação:** Indústria de produtos alimentícios.
- **Diferenciais competitivos:** Qualidade dos produtos e excelência no atendimento aos clientes.
- **Principais clientes ou segmentos atendidos:** Mercados, supermercados e demais estabelecimentos do setor alimentício.
- **Principais desafios atuais do setor:** Manter a competitividade, acompanhar as mudanças do mercado e do comportamento do consumidor, além de enfrentar as oscilações dos custos de produção.
- **Novos produtos ou lançamentos previstos:** Desenvolvimento contínuo de novos produtos e ampliação do portfólio para atender às demandas do mercado.
- **Estratégia para crescimento sustentável:** Crescer de forma planejada, investindo na qualidade dos produtos, na inovação, na ampliação da capacidade produtiva e no fortalecimento do relacionamento com os clientes.
- **Onde a empresa quer estar em cinco anos:** Consolidada entre as principais indústrias do segmento, com uma nova unidade em operação, maior capacidade produtiva e presença ampliada no mercado.

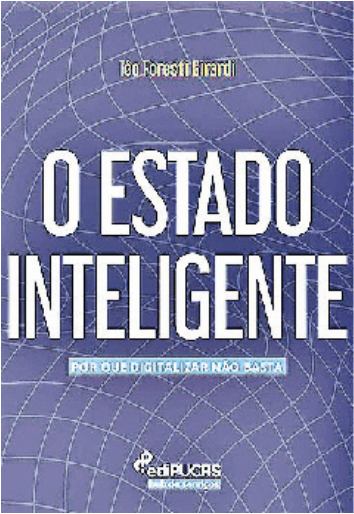


PEREREKA'S/DIVULGAÇÃO/JC

"O segredo para concorrer com multinacionais, sendo uma empresa local, é o contato direto com o setor varejista, buscando parcerias para impulsionar produtos, e empenho na qualidade."

Adamir Anderle,
sócio-fundador

FEED



O Estado Inteligente: Por que digitalizar não basta; Téo Foresti Girardi; EdPUCRS; 106 páginas; R\$ 52,90; Disponível em versão física e digital.



A humanidade e o poder digital: impactos da IA sobre nosso futuro; Eduardo Felipe Matias; Editora Senac São Paulo; 456 páginas; R\$ 99,00; Disponível em versão física e digital.



A Prática da Estratégia; Claudio Porto; Editora Alta Books; 384 páginas; R\$ 96,50; Disponível em versão física e digital.

Tecnologia

O livro “O Estado Inteligente: Por que digitalizar não basta”, de Téo Foresti Girardi, fundadora e sócia da GovTech Lab, head do GovTech Summit e doutora em Design e Tecnologias, propõe uma reflexão sobre a inovação no setor público e seu papel no fortalecimento da capacidade do Estado. Em um cenário marcado por profundas transformações tecnológicas, institucionais e sociais, a obra oferece uma análise crítica e uma perspectiva propositiva sobre o futuro da gestão pública. Ao reposicionar o debate sobre a transformação do Estado, Girardi demonstra que governos inteligentes vão além da digitalização: são aqueles preparados para tomar

decisões com responsabilidade, atuar de forma consistente e responder de maneira mais eficaz às demandas da sociedade. A autora também defende uma ideia central: o futuro do setor público depende menos da tecnologia em si e mais da capacidade de reinventar o Estado. “Governos inteligentes não são apenas digitalizados. São governos que aprendem, se adaptam, articulam ecossistemas, contratam melhor, lideram mudanças e servem melhor às pessoas”, afirma. O Estado Inteligente é uma obra voltada à reflexão sobre o futuro da gestão pública e sobre as escolhas institucionais que definirão a qualidade da vida coletiva nas próximas décadas.

Inteligência Artificial

“A humanidade e o poder digital: impactos da IA sobre nosso futuro”, do advogado e especialista em direito digital Eduardo Felipe Matias, apresenta uma abordagem pouco convencional sobre a Inteligência Artificial. A obra propõe uma análise abrangente de como o ambiente digital tem reorganizado estruturas de poder, relações sociais, modelos de negócio e até mesmo a nossa compreensão de autonomia. O autor discute os desafios de equilibrar inovação, regulação e os impactos concretos das transformações digitais na vida contemporânea.

Com base em uma ampla bibliografia, o livro demonstra como as tecnologias que sustentam a economia digital vêm automatizando decisões e tarefas, produzindo efeitos sociais profundos. A inteligência artificial, especialmente em sua vertente generativa, evidencia a complexidade de regular sistemas opacos e imprevisíveis, além de responsabilizar agentes cada vez mais autônomos. Seus impactos sobre o emprego e a desigualdade também levantam dilemas éticos, exigindo modelos de governança capazes de conciliar o avanço tecnológico com a justiça social.

Estratégia

No cenário global, o século XXI tem sido marcado pela volatilidade e por uma espécie de “liquidez desnordeante”. Nesse contexto, a capacidade de transformar intenções em resultados consolidou-se como um dos principais desafios das lideranças. Esse é o ponto de partida do livro “A Prática da Estratégia”, do economista e fundador da consultoria Macroplan, Claudio Porto. Na obra, o autor procura enfrentar o persistente hiato brasileiro entre o planejamento e a execução. Mais do que um compêndio teórico, o livro se apresenta como um guia prático que combina razão e sensibilidade, detalhando conceitos fundamentais e oferecendo orientações voltadas àqueles que desejam influenciar,

de forma consciente, a construção do futuro. Com mais de cinco décadas de experiência em planejamento e gestão estratégica, especialmente junto a governos, grandes empresas e associações de interesse público, Claudio Porto demonstra como a estratégia é essencial para orientar a construção de um futuro desejado. O autor destaca que alcançar os resultados pretendidos exige compromisso com a execução do planejamento, manutenção do rumo traçado e flexibilidade para realizar ajustes sempre que necessário. Porto define a estratégia como uma tríade dinâmica formada por antecipação, escolha e ação em cenários de incerteza.

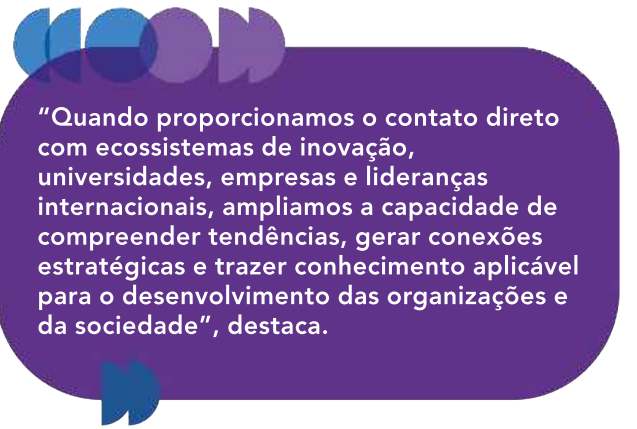


Imersões internacionais ampliam horizontes e conectam lideranças aos ecossistemas que moldam o futuro

O ambiente de negócios passa por transformações cada vez mais rápidas, impulsionadas pela inovação, pela tecnologia e pela troca de conhecimento em escala global. Para empresas e lideranças que desejam acompanhar esse movimento, a vivência em alguns dos principais ecossistemas de inovação do mundo tornou-se uma ferramenta estratégica de desenvolvimento, complementar aos programas de formação executiva.

Com esse propósito, o CIEE-RS reuniu recentemente empresários, executivos e lideranças para apresentar oportunidades de imersões internacionais voltadas à inovação, desenvolvidas por parceiros da instituição, em 2026 e 2027. Os programas incluem experiências na China, nos Estados Unidos e em Israel, destinos reconhecidos por concentrarem empresas de referência, universidades de excelência, centros de pesquisa e ambientes que impulsionam o empreendedorismo e a transformação digital.

Para o CEO do CIEE-RS, Lucas Baldisserotto, experiências desse tipo ajudam a aproximar o Rio Grande do Sul das principais transformações globais:



As iniciativas nasceram a partir de experiências bem-sucedidas realizadas nos últimos anos e foram estruturadas para ir além do formato tradicional de visitas técnicas. Os participantes passam por uma formação preparatória composta por aulas ministradas por especialistas de diferentes países, criando uma base sólida para o aproveitamento das atividades no exterior.

Outro diferencial é o caráter internacional dos grupos. As imersões reúnem participantes de diversas nacionalidades, favorecendo conexões com empresários e dirigentes de organizações globais. Essa convivência amplia perspectivas, gera oportunidades de relacionamento e permite compreender tendências que influenciam mercados em diferentes partes do mundo.

Ao estimular experiências internacionais de alto nível, o CIEE-RS reforça o compromisso com a formação de lideranças preparadas para atuar em um cenário cada vez mais conectado e orientado pela inovação. Outros detalhes das imersões podem ser conferidos em <https://linktr.ee/global.AI>

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000





VISÃO EMPRESARIAL

João Evangelista Tavares

Diretor de Eventos do IEE

Antes do Estado, o cidadão

Em 1776, treze colônias decidiram fazer muito mais do que romper com o Império Britânico. Elas ousaram construir um país sobre um ideal que, para a época, parecia revolucionário: o indivíduo deveria existir antes do Estado.

Passados 250 anos da Independência dos Estados Unidos, é impressionante perceber que o maior legado dos chamados Founding Fathers não foi apenas a criação da maior potência econômica e militar do mundo. Foi a construção de instituições capazes de limitar o poder, proteger a liberdade e criar um ambiente em que o esforço individual pudesse florescer.

Eles compreenderam algo que permanece atual: governos passam, mas instituições permanecem.

James Madison escreveu, nos Federalist Papers, que “se os homens fossem anjos, nenhum governo seria necessário”. Justamente porque não somos, o desafio era criar um sistema que impedisse a concentração de poder e preservasse as liberdades individuais. Não por acaso, a Constituição americana foi estruturada sob freios e contrapesos, divisão de poderes e respeito à propriedade privada.

Thomas Jefferson reforçava essa visão ao afirmar que “o governo é melhor quando governa menos”. A frase, muitas vezes interpretada de forma simplista, traduz um princípio essencial: a função do Estado não é substituir o cidadão, mas garantir as condições para que ele desenvolva plenamente seu potencial.

Essa lógica criou um país que recompensa o mérito e incentiva a inovação. Não por acaso, mas pela combinação entre liberdade econômica, segurança jurídica, estabilida-

de institucional e uma cultura que enxerga o sucesso individual como consequência natural de um ambiente de oportunidades.

Enquanto celebramos os 250 anos daquele histórico 4 de julho, o Brasil se prepara para mais uma eleição presidencial. E talvez seja justamente aí que o contraste se torne mais evidente.

Ainda somos um país que deposita expectativas excessivas em governantes e pouquíssimas nas regras que sustentam uma democracia sólida. A cada quatro anos, renova-se a esperança de que um único líder resolva problemas que atravessam décadas. Mudam os nomes, mudam os discursos, mas permanecem os desafios relacionados ao crescimento econômico, à produtividade, à educação e à segurança jurídica.

Mais preocupante é perceber que a eleição de outubro tende a ser marcada menos pela admiração aos candidatos e mais pela rejeição aos adversários. Em vez de uma disputa entre

projetos capazes de mobilizar a sociedade em torno de um futuro comum, caminhamos para uma escolha em que, para muitos brasileiros, vencerá o menos rejeitado. Trata-se de um retrato preocupante de uma democracia excessivamente polarizada e pouco voltada ao debate de reformas estruturais.

Os Estados Unidos foram construídos sobre a convicção de que a liberdade deveria limitar o poder. O Brasil ainda parece acreditar que o poder é capaz de produzir liberdade. Talvez essa seja a principal diferença entre um país pensado para durar séculos e outro que, a cada quatro anos, insiste em recomeçar.

OPINIÃO

Risco invisível: vieses não são bugs. São arquitetura

Leticia Batistela

Diretora do ICT/MPRS e presidente do comitê de impacto social do South Summit Brazil

Em 2024, Yuval Noah Harari evocou uma fábula antiga em Nexus. O aprendiz de feiticeiro que encanta uma vassoura para buscar água e não sabe como fazê-la parar. A metáfora descreve bem o nosso momento com a inteligência artificial. Não é a tecnologia que decide agir mal. É que ninguém sabe exatamente como detê-la quando o resultado sai do controle.

Viés algorítmico não nasce no código. Nasce nos dados históricos que alimentam os modelos, registros que já carregam as desigualdades do mundo real. O algoritmo aprende esses padrões, inclusive os injustos, e os transforma em decisões automatizadas que escalam um preconceito pontual para milhares de casos em segundos. Vieses não são bugs. São arquitetura.

E aqui está a constatação mais perturbadora: o sistema não aprende com o mundo. Aprende com a sombra que ele mesmo projeta sobre o mundo. Cada decisão enviesada vira

dado novo. Cada dado novo reforça o padrão original. O ciclo se fecha sobre si mesmo, sem referência externa de verdade, amplificando silenciosamente o que já estava distorcido desde o início.

Em 2018, pesquisadoras do MIT documentaram esse mecanismo com precisão. Sistemas de reconhecimento facial apresentavam taxa de erro de 34% para mulheres negras, contra 0,8% para homens brancos. A diferença não era acidente. Era o reflexo direto de dados de treino que não representavam adequadamente rostos femininos e

de pele escura. A exclusão estrutural vinha embrulhada em números e validada por algoritmos como se fosse fato científico neutro.

Estes dados são reais, verificados e documentados. O que eles revelam, no entanto, ainda surpreende.

A resposta não pode ser só técnica. Exige transparência, diversidade nas equipes que constroem os sistemas e auditoria contínua. O risco mais perigoso nunca foi a tecnologia. Foi a nossa incapacidade de ver o que ela está fazendo até o dano já estar feito.

“O risco mais perigoso nunca foi a tecnologia; foi a nossa incapacidade de ver o que ela está fazendo até o dano já estar feito”

*Sucessão não é repetir sofrimento*

Laís Machado Lucas

Advogada de famílias empresárias

Em muitas empresas familiares, quando se fala em sucessão ainda se pensa – e se sente – um peso silencioso: a ideia de que assumir o negócio implica, necessariamente, repetir sacrifícios e abrir mão de projetos pessoais. Esse padrão, transmitido ao longo do tempo, transforma o legado em uma espécie de obrigação e afasta potenciais sucessores, que passam a enxergar a continuidade como um fardo, e não como uma escolha.

Grande parte das histórias dessas empresas começa com trajetórias marcadas por esforço extremo. Negócios que surgiram por necessidade, sustentados por jornadas exaustivas e forte dedicação pessoal, acabam ocupando todos os espaços da vida familiar. Filhos crescem

ouvindo relatos de cansaço, renúncia e frustração, ao mesmo tempo em que presenciam ausências e prioridades deslocadas. Ainda que o patrimônio seja construído, a mensagem que permanece nem sempre é de realização, mas de peso.

O problema não está nos desafios enfrentados, mas na forma como essa experiência é transmitida. Quando sofrimento e responsabilidade passam a ser tratados como sinônimos, cria-se uma narrativa que dificulta o engajamento das novas gerações. A sucessão deixa de ser um caminho natural e passa a exigir renúncia como condição de pertencimento. O resultado costuma ser desinteresse, resistência ou, em alguns casos, adesão marcada por culpa e obrigação.

Romper esse padrão exige uma mudança de postura por parte de quem está na liderança. Isso não significa ignorar di-

ficuldades, mas evitar que elas se tornem identidade. Tornar a empresa um ambiente desejável passa por reconhecer novas formas de trabalho, abrir espaço para visões diferentes e permitir que os sucessores construam suas próprias trajetórias dentro – ou fora – do negócio.

Sob essa perspectiva, o verdadeiro legado não está em exigir que a próxima geração repita o passado, mas em criar condições para que ela faça as suas escolhas com autonomia. Interromper ciclos que associam pertencimento à dor é um ato de responsabilidade com a empresa e com a família. Afinal, quando bem conduzida, a sucessão não impõe caminhos.

Pelo contrário: amplia possibilidades, reconhece diferentes projetos de vida e permite que cada indivíduo construa sua trajetória a partir do desejo, das competências e do sentido que atribui ao próprio futuro.

REPORTAGEM ESPECIAL

Expansão urbana coloca Litoral Norte diante de novas exigências

Mudança no perfil dos moradores fortalece o mercado imobiliário e amplia a atividade econômica, mas especialistas defendem a necessidade de políticas públicas para acompanhar o ritmo de ocupação dos municípios costeiros

Loraine Luz, especial para o JC
De Cidreira

O expressivo crescimento populacional de municípios gaúchos à beira-mar cria expectativas por um nível de desenvolvimento que desafia a gestão pública. A candidatura do Litoral Norte à protagonista como polo de investimentos e moradia no Estado fica ameaçada a médio e longo prazos se a infraestrutura não acompanhar o mesmo ritmo da expansão urbana. “O que importa entender é que a migração para o Litoral, hoje, não é apenas de aposentados”, pontua Carlos Paiva, doutor em Economia e consultor na área de planejamento e desenvolvimento regional.

De acordo com o IBGE (2022), dos 10 municípios que mais cresceram em habitantes no Estado, sete estão no Litoral Norte: Imbé (52%), Capão da Canoa (51%), Arroio do Sal (43%), Balneário Pinhal (38%), Cidreira (35%), Xangri-Lá (32%) e Tramandaí (31%). Com um salto de 25,87%, a expansão foi muito maior que a do Rio Grande do Sul (1,77%).

O mesmo Censo aponta que seis das 10 cidades à beira-mar no Brasil com maior proporção de domicílios de uso ocasional estão na costa gaúcha. Isso, somado à flexibilização das jornadas de trabalho pós-pandemia e a proximidade geográfica da Região Metropolitana, favorece um vaivém via Freeway, aquecendo comércio e serviços de praias para além do veraneio.

Conforme Paiva, entre 2010 e 2022, o número de domicílios no Corede Litoral passou de 296.083 para 372.693, uma alta de 76.610 pessoas – no mesmo período, Porto Alegre perdeu 76.781 domicílios. A variação

da população nas praias respondeu por 40,53% do incremento populacional do Rio Grande do Sul. “Há décadas que o Litoral cresce de forma extraordinária e é um ponto fora da curva no nosso Estado”, afirma o economista, acrescentando que nunca o volume foi tão grande quanto agora.

A enchente de 2024 revelou outro diferencial competitivo quando se compara com os Vales e a Região Metropolitana, observa Roberto Morais, professor na Faccat e doutor em Desenvolvimento Regional, atraindo quem busca mitigar riscos ambientais. Embora sem apurar o destino, o IBGE divulgou em junho que o desastre climático motivou a troca de endereço de 349.366 pessoas. Morais acrescenta que há projeções do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS) indicando que a região poderá ter o maior crescimento percentual de participação no PIB gaúcho até 2030, impulsionado pelo setor de serviços e pela construção civil.

A alta demográfica da região é anterior aos censos mais recentes, como lembra Alexandre Ramos, mestre em Desenvolvimento Regional. De 2000 a 2010, o percentual foi de 21,64% enquanto que, no Estado, foi de 4,97%. “Acredito que isso seguirá ocorrendo, mas infelizmente é um aumento desordenado”, afirma Ramos. Segundo ele, dois perfis de migrantes se destacam: o trabalhador da construção civil, de baixa renda em busca de oportunidades, e pessoas de maior renda atrás de qualidade de vida. “Existe uma disparidade social imensa entre estes dois grupos”, alerta.

Leia mais nas próximas páginas >>



@VEMPRAITORRES/DIVULGAÇÃO:JC

REPORTAGEM ESPECIAL

Gargalos ameaçam protagonismo do Litoral Norte

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRAMANDAÍ/DIVULGAÇÃO/JC



Aumento da população amplia a demanda por saneamento, mobilidade, saúde e segurança, exigindo planejamento para evitar que o crescimento pressione a capacidade das cidades

Pesquisadores defendem que o avanço seja acompanhado por políticas voltadas à inovação, à atividade industrial e à qualificação da economia

Loraine Luz, especial para o JC
De Cidreira

Com R\$ 7,36 bilhões em vendas de imóveis, o Litoral Norte encerrou 2025 superando sua performance no ramo em 23%, ante o ano anterior, conforme o Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Estado do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS). A robusta e consistente performance no ramo – em 2024, a região se consolidou como o segundo maior polo da construção civil do Estado, atrás apenas da Região Metropolitana de Porto Alegre – acena para um viés de progresso. Uma maior circulação de capital e interesse de investidores, no entanto, não garante por si só melhora na qualidade de vida da população, observam especialistas em desenvolvimento regional.

Capão da Canoa, com R\$ 1,9 bilhão em Valor Geral de Vendas (VGV), indicador que representa a soma do valor potencial de comercialização

de um empreendimento imobiliário, e Xangri-Lá, com R\$ 1,7 bilhão (em VGV) lideram esse fluxo. Torres também atingiu o seu bilhão (R\$ 1,052 bilhão em VGV) mas foi superada por Tramandaí, com R\$ 1,2 bilhão em VGV. Imbé, por sua vez, teve o maior crescimento percentual (26% superior a 2024), com R\$ 530 milhões em VGV. Arroio do Sal apareceu na sexta posição entre as praias, com R\$ 320 milhões em VGV.

“Há um risco ao superestimar variáveis do setor imobiliário para indicar desenvolvimento”, explica Dilani Bassan, doutora em Desenvolvimento Regional. Segundo ela, uma alta arrecadação de Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) indica, somente, aumento na circulação de capital, interesse de investidores e expansão do mercado de imóveis.

“O crescimento do setor pode ter como causa a especulação imobiliária, sem gerar empregos permanentes, diversificação econômica e ampliação dos serviços públicos”, analisa. “Em alguns casos, a elevação do preço dos imóveis torna difícil o acesso à moradia pela população local”, descreve.

Roberto Moraes, também doutor em Desenvolvimento

Regional e professor na Faccat (Faculdades Integradas de Taquara), observa que, uma vez construído e vendido o imóvel, a receita cessa, restando ao município o IPTU. “Se a cidade não converter essa receita em atração de indústrias, tecnologia e empregos permanentes, o crescimento estagna quando as áreas urbanizáveis escassearem”, projeta.

O professor lembra que estudos de dinâmica demográfica e socioeconômica gaúcha apontam que, apesar do forte crescimento populacional e do PIB da construção civil, o Litoral Norte ainda enfrenta desafios históricos em índices de desenvolvimento humano estrutural, como saúde especializada e educação superior. “O dado imobiliário comemora a venda, mas não calcula o custo público gerado pelo aumento de demanda por saneamento, macrodrenagem e segurança pública”, acrescenta.

O ponto comum na análise dos especialistas é um alerta: crescer não significa o mesmo que se desenvolver. “Ainda é bastante prematuro afirmar que o Litoral Norte se consolidou como um novo polo de desenvolvimento”, atesta Dilani, citando planejamento urbano, geração de emprego, melhor

O panorama das principais cidades à beira-mar

O comportamento do PIB

Xangri-Lá saltou da 3ª posição no crescimento do PIB para a 1ª do PIB per capita. As tabelas mostram valores nominais (unidade: R\$ x1000). São os dados mais recentes do IBGE, divulgados em 2025, referentes ao PIB municipal de 2023. Capão da Canoa, que liderou o crescimento do PIB total (52,35%), ficou em 4º lugar no PIB per capita (29,49%). Torres manteve desempenho elevado nos dois indicadores.

PIB	2020	2023 (revisado)	Var.%
Capão da Canoa	1.698.753,74	2.588.160,82	52,35%
Torres	1.239.246,18	1.835.529,32	48,12%
Xangri-Lá	622.082,32	914.703,99	47,04%
Imbé	552.945,34	762.866,41	37,96%
Arroio do Sal	257.320,55	353.686,79	37,45%
Tramandaí	1.150.735,20	1.579.725,12	37,28%
Bal. Pinhal	255.481,07	333.149,05	30,40%
Cidreira	337.460,49	406.916,43	20,58%

PIB per capita	2020	2023 (revisado)	Var.%
Xangri-Lá	37.083,89	55.561,20	49,82%
Torres	31.723,48	43.963,72	38,58%
Tramandaí	21.863,79	29.046,01	32,85%
Capão da Canoa	31.428,72	40.698,19	29,49%
Arroio do Sal	25.033,62	31.987,59	27,78%
Bal. Pinhal	17.787,44	22.276,77	25,24%
Imbé	23.761,13	28.439,70	19,69%
Cidreira	20.349,79	23.836,71	17,14%

infraestrutura e preservação ambiental entre os desafios desse caminho. Moraes concorda: “Quando a expansão urbana

vem acompanhada da degradação da natureza e perda de fator identitário, por exemplo, isso não é desenvolvimento”.

Por que eles escolheram viver à beira-mar

A seguir, o testemunho de quem não apenas passou a viver no Litoral Norte, mas investe, empreende, consome e ajuda a consolidar sua transformação de destino de férias em polo urbano permanente. Os perfis dos entrevistados se associam aos fatores que têm impulsionado o crescimento populacional, entre os quais: um mercado imobiliário propositivo, um local atrativo para quem tem jornadas de trabalho flexíveis e quer mais qualidade de vida e destino do êxodo pós-pandêmico e das enchentes.

Mercado de imóveis é mais promissor, avalia executiva

Com 16 anos de atuação no mercado imobiliário – 10 deles como diretora comercial da Melnick –, Tiana Brusque, 47 anos, se apaixonou pelo mercado imobiliário do litoral após lançar um projeto em Xangri-Lá e decidiu se instalar na região, para morar e trabalhar. Desde o verão de 2025, a sua empresa – a YAH Estrategista Imobiliária, que atende incorporadores, construtores e investidores – focou no mercado do Litoral Norte, que Tiana define como ágil, assertivo, criativo e pró-ativo. “Eu sou extremamente dinâmica,

focada em fazer acontecer, então, eu me identifiquei. Tanto que não quis mais ir embora”, conta. A casa de veraneio em Rainha do Mar é endereço fixo agora. “Vejo cada vez mais profissionais como eu, com trabalhos pontuais na Capital e se instalando mais tempo na praia”, acrescenta, lembrando da oftalmologista consultada em Capão da Canoa ter comentado ficar de quarta a domingo no Litoral e voltar a Porto Alegre apenas na segunda e na terça-feira. Em sua primeira experiência na chamada “baixa temporada”,

Tiana ficou impactada com a força empreendedora local em seu ramo: “Eu vi as pessoas trabalhando tanto quanto na alta. Mas não existe demanda passiva, são os profissionais que vão atrás e criam o negócio. Isso me tocou profundamente. É uma mentalidade própria do Litoral Norte”, compara. A expectativa para a performance da YAH é positiva. “Na temporada de 2025-2026, o mercado de imóveis do Litoral lançou quase R\$ 4 bilhões de Valor Geral de Vendas (VGV) de projetos novos. É uma região muito pequena, mas lançou sozinha mais da metade do que Porto Alegre lançou”, compara. “Acredito que, no longo prazo, o mercado imobiliário do Litoral Norte vai ultrapassar o da Capital”, projeta. Segundo ela, o perfil de clientes vem se renovando, o que inclui famílias com filhos que passaram a ter uma agenda social na região e um público nacional olhando para esse movimento de qualidade de vida do Litoral Norte gaúcho. “Me deparei muito com um perfil de alto padrão que não frequentava as nossas praias, que ia para Santa Catarina, Punta del Este ou mesmo Rio de Janeiro, e começa, aos poucos, a ser atendido pelo Litoral Norte gaúcho”, relata.



Tiana crê que o mercado imobiliário litorâneo ultrapassará o da Capital



Anderson e Adriane optaram por levar os filhos para mais perto da família

Família optou por viver melhor do que na Capital

O casal de gaúchos Anderson e Adriane Bittencourt, 45 e 48 anos, respectivamente, queria voltar para perto da família depois de morar 12 anos em Indaiatuba (SP) por motivos profissionais. Porto Alegre estava fora de questão porque os dois desejavam manter, minimamente, a qualidade de vida que tinham na cidade do interior paulista. A proximidade do mar era um desejo também. A essa altura, Anderson mudava de carreira para assumir uma franquia das academias Panobianco. Eles se fixaram no Litoral em julho do ano passado, optando por moradia em Xangri-Lá. Anderson analisou o potencial de mercado das cidades litorâneas, identificando a vizinha Capão da Canoa como a melhor para prosperar. Também submeteu o ponto comercial ao estudo demográfico da franqueadora, que aprovou. A aposta deu certo: a primeira academia chegou a 300 alunos em pouco tempo. E

uma segunda unidade está para ser inaugurada até o final deste ano, para atender um público permanente e diversificado. “Atendemos pessoas com 75 anos, 80 anos, em plena forma física e bastante adolescentes também”, observam. O casal ficou impressionado que o centro se mantém movimentado mesmo no inverno. “Estacionar continua difícil”, observa ela. Adriane se deteve a analisar a estrutura da cidade para que a mudança realmente se efetivasse, afinal, eles têm dois filhos: uma menina de 14 anos e um menino de 10. “Quando se tem crianças, a gente sempre pensa em hospital e escola. Tendo escola boa e saúde, daí a gente vai. Ao contrário, não dá”, explica ela. Os filhos estudam no Colégio Pastor Dohms, em Capão. A instituição de ensino privado já está com duas turmas de primeiro ano lotadas para 2027. Adriane conta que nem cogitou colocá-los na rede pública.

Infraestrutura falha, restrições ambientais e falta de unidade são desafios da região

Para Luciana Fonseca, diretora do Instituto Cidades Responsivas e doutora em Planejamento Urbano e Regional, o maior gargalo do Litoral Norte está na infraestrutura. “Há a dificuldade histórica de ampliação da rede de tratamento de esgoto, que inclusive já resultou em ações na Justiça. Nesse sentido, o desafio é técnico, mas sobretudo de governança”, pontua. Além do saneamento, energia elétrica e mobilidade entram na conta de forma expressiva. Mesmo que haja mais moradores, a ocupação sazonal que ora sobrecarrega demais, ora deixa mais ociosa a infraestrutura inibe maiores investimentos.

Seu colega no instituto, Gui-

lherme Dalcin, mestre em Planejamento Urbano e Regional, aponta a necessidade de preservação do ecossistema local, com espaços que não podem ser ocupados. Os dois profissionais sugerem investir em redes de infraestrutura que mitiguem o impacto da urbanização no ambiente e, talvez, buscar alternativas de crescimento, como o incentivo a áreas mais distantes da beira-mar, a cerca de 30 minutos de carro.

“Em termos de planejamento urbano, ainda não estamos enfrentando nossos desafios com o conhecimento disponível. Não estamos usando as ferramentas tecnológicas para verificar cenários de crescimento preditivo de forma

sistêmica e amplificar a escuta populacional”, lamenta Luciana.

Alexandre Ramos, mestre em Desenvolvimento Regional, soma ao cenário um modelo de moradia excludente que recebe muitos incentivos. A pesquisadora Mariana Barbosa abordou a ocupação do território em teses de mestrado e doutorado sobre a região, com foco especificamente em Capão da Canoa e Xangri-Lá. Ela destaca um contraste: áreas à beira da Lagoa dos Quadros e próximas ao mar altamente valorizadas e densamente normatizadas, concentrando condomínios de alto padrão e infraestrutura consolidada, ao lado de zonas interiores e periféricas que abrigam as populações

de baixa renda, são marcadas pela rede deficitária de serviços básicos e pela baixa presença do Estado.

De modo geral, os especialistas entendem que a saída passa por uma maior integração – o que Luciana chama de “inteligência em rede”, planejando o Litoral como unidade estratégica. O economista Carlos Paiva também sugere um plano coletivo de desenvolvimento turístico e de serviços. “Nenhuma prefeitura sozinha pode fazer isso. E os consórcios municipais não conseguem ser efetivos para questões de planejamento”, opina. Segundo ele, é preciso ir além da orla. “O sistema lacustre do Estado é o mais complexo e diversificado

de toda a América do Sul. Mas é desvalorizado como atrativo turístico e vem sendo tratado como destino de esgotos sem tratamento”, afirma. Paiva também critica a instalação de um porto em Arroio do Sal, citando o risco de vazamentos, o aumento do tráfego de caminhões, a ocupação do entorno por atividades associadas à logística portuária e a desvalorização de imóveis. Diferentemente de Santa Catarina, onde portos ficam à parte de áreas de veraneio, a costa gaúcha exibiria esses efeitos por ser reta, afugentando turistas e moradores.

REPORTAGEM ESPECIAL

Corede Litoral Norte busca integração para o desenvolvimento regional

Loraine Luz, especial para o JC
De Cidreira

Para o presidente do Corede (Conselho Regional de Desenvolvimento) do Litoral Norte, Carlos Eduardo Martinez, a expansão demográfica faz a região ganhar mais atenção. Para que isso se traduza em desenvolvimento regional, no entanto, defende maior planejamento e integração entre Estado e municípios. Atuante no conselho desde 2017, é presidente há dois mandatos, desde 2023.

Empresas & Negócios – Em qual área, atualmente, há o maior descompasso entre o crescimento populacional e a capacidade de absorção pelos municípios?

Carlos Eduardo Martinez – A saúde é o principal, seguida da educação e, claro, o saneamento, que está ligado à saúde, pois é uma questão de saúde pública, não só de estrutura. Observa-se um aumento muito significativo de atendimentos de saúde, não só durante o verão. Desde 2018 ou 2019, não recordo bem, educação, saúde e segurança pública foram áreas retiradas da Consulta Popular, justamente porque demandam muitos recursos e o valor da consulta é baixo: R\$ 2,4 milhões é a fatia do orçamento estadual destinada anualmente ao Corede.

E&N – Qual é a importância da Consulta Popular?

Martinez – O principal avanço é os municípios serem habilitados, classificarem-se para receber, apresentarem os projetos correspondentes e o Estado pagar. Ainda no primeiro governo Eduardo Leite, havia um passivo muito grande do governo anterior. Ainda há recursos que não foram pagos, mas uma boa parte da consulta foi. Isso ocorre porque ou o município não apresentou o projeto após a proposta aprovada ou porque o projeto é insuficiente ou porque surgem empecilhos burocráticos. Uma área onde há exemplo positivo é a do turismo. Não digo 100%, mas, nos últimos anos, a pasta liberou os recursos. E isso motiva os municípios a continuarem participando. Senão, imagina: as pessoas se mobilizam, conseguem a votação e depois não recebem? Em contrapartida, há municípios habilitados para receber recursos para defesa civil que desde 2024 não receberam.

E&N – Como é a integração entre os municípios para lidar com as demandas identificadas?

Martinez – Nós temos contato com alguns municípios, mas outros não se integram tanto. Isso também depende da gestão. É uma região com muita disparidade. Costumo dizer que há o norte e há o sul do Litoral Norte. Em se tratando da encosta da Serra, os municípios são um pouco mais unidos. Carecem de muitos serviços, então, sem união, acabam

prejudicados. Entre os municípios da orla, às vezes se vê uma disputa, às vezes, se vê uma cooperação, mas ainda falta um olhar regional. Se não houver integração, a região não vai conseguir apresentar um desenvolvimento necessário e ainda vamos perder muito.

E&N – Qual é o nível de inter-

Escolha popular

O Corede Litoral reuniu 48 propostas nas fases iniciais do Consulta Popular 2026/2027, oriundas de Osório (21), Balneário Pinhal (17), Três Forquilhas (1), Cidreira (2), Arroio do Sal (1), Mostardas (1), Caraá, Imbé (3) e Tramandaí (2). Após trâmites em assembleias, restaram cinco que vão à votação popular prevista para até 26 de julho, a saber: recuperação de estradas vicinais, centro de atenção ao idoso e/ou promoção do envelhecimento ativo e saudável, soluções ambientais para gestão de resíduos urbanos, diagnóstico turístico municipal com cursos de preparação aos empreendedores e fortalecimento da defesa civil municipal.

locução do Corede Litoral Norte com o governo do Estado?

Martinez – Ruim, exceto pela Consulta Popular, em que temos um grande suporte da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. O Litoral Norte está em franca expansão populacional. Isso não representou desenvolvimento regional, justamente porque o Estado ainda foca muito na Consulta Popular e, mesmo assim, em defasagem. Mas Corede não é só consulta popular. Em outras matérias, a região não recebe a atenção necessária.

E&N – Para além das demandas que o incremento populacional está criando, o que destacaria como um efeito positivo desse movimento?

Martinez – A região passou muito tempo sem ser vista, considerada um local de refúgio para as férias somente. Esse aumento populacional é positivo para verem que há um grande potencial de desenvolvimento em diversas áreas. O fator negativo é que se não houver essa atenção, infelizmente, os residentes vão acabar encontrando maiores dificuldades.

E&N – Recentemente, a 2ª edição do Fórum de Desenvolvimento Regional do Litoral Norte teve como tema os eventos climáticos extremos. As defesas civis dos municípios litorâneos receberam algum incremento em função do que as enchentes de 2024 ensinaram?



Martinez defende que o Corede não é só consulta popular

Martinez – Embora tenha tido uma atenção maior por parte do Estado em prevenção, ainda assim é deficitário. Somente no ano passado foi criada uma coordenadoria específica para a região do litoral, que é CREPDEC-10 (10ª Coordenadoria Regional de Proteção e Defesa Civil). Em 2024, municípios tentaram decretos de situação de emergência que, por conta de insuficiências, seja de pessoas, seja de conhecimento técnico, não foram reconhecidos. Então, é como se o Litoral Norte não tivesse passado por nada. E, na verdade, passou. Teve um impacto direto e indireto, justamente no aumento populacional, por exemplo.

Saúde e lixo são os principais desafios para prefeitos, aponta a Amlinorte



Silveira diz que é preciso atenção ao crescimento populacional

Ao assumir, no início do ano, a presidência da Associação dos Municípios do Litoral Norte (Amlinorte), Marcos Evaldt da Silveira se reuniu com prefeitos da região e ouviu deles preocupação com o crescimento populacional recente, ainda não plenamente documentado pelo IBGE. “Essa é a principal pauta”, afirma ele, que é prefeito de Morrinhos do Sul, localizado a cerca de 40 quilômetros de Torres.

Empresas & Negócios – Em qual área existe hoje o maior descompasso entre crescimento populacional e capacidade do poder público: saneamento, mobilidade, saúde,

segurança ou energia?

Marcos Evaldt da Silveira – Saúde é o principal. Saúde e lixo tiram o sono dos prefeitos. O Hospital de Torres, que atende a região aqui, está com muitos problemas. Não consegue receber os recursos e se desenvolver na velocidade que o município cresce. A UPA de Arroio do Sal, outro exemplo, funciona quase como um hospital no verão, quando os atendimentos explodem. O número por dia é quase o número da população. É absurdo. Então, a saúde é o principal gargalo. O desenvolvimento do Litoral Norte passa muito por melhorar e qualificar a saúde.

E&N – O que impede uma

atuação mais integrada entre os municípios da região?

Silveira – Tivemos um consórcio vinculado à associação com os mesmos 23 municípios que fazem parte da Amlinorte. O consórcio está em processo de extinção, com R\$ 80 milhões em dívidas. E isso gera um debate que divide muitos os gestores. Então, tem se tornado difícil a coesão. Além disso, o nosso território é muito heterogêneo. É um grande desafio ter pautas que sejam comuns. São pelo menos três blocos distintos. Os prefeitos vão às reuniões, dialogam, são participativos, têm união. Mas é difícil promover muitas pautas de integração.

E&N – O senhor percebe algum risco de o Litoral Norte perder justamente a qualidade de vida que hoje atrai novos moradores?

Silveira – O grande risco é se a gente não conseguir melhorar os serviços públicos, principalmente saúde, emprego e renda, além de educação.

E&N – Qual atividade econômica poderá reduzir a dependência do turismo de verão e da construção civil?

Silveira – O porto de Arroio do Sal seria a grande virada de chave, como aconteceu e acontece em Santa Catarina. Porque vai trazer empresas, qualificar mão de obra e atrair investimentos.

REPORTAGEM ESPECIAL

Potencial de consumo no IPC Maps tem forte destaque no Estado

O IPC Maps estima o tamanho do mercado consumidor residente. A atualização do levantamento – que é feito desde 1999 – foi divulgada em maio. O trabalho cruza informações de diversas fontes, como IBGE, Banco Central, Contas Nacionais, pesquisas de orçamento familiar, Censo, PIB municipal, entre outras.

Potencial de consumo (R\$ bi)	2020	2026	Var. %
Capão da Canoa	1,457	3,661	151,30%
Tramandaí	1,482	2,790	88,26%
Torres	1,069	2,248	110,29%
Imbé	0,667	1,526	128,79%
Xangri-Lá	0,443	0,896	102,26%
Cidreira	0,450	0,874	94,22%
Balneário Pinhal	0,327	0,777	137,61%
Arroio do Sal	0,290	0,618	113,10%
RS	304,225	566,281	86,10%

No detalhe

A revisão populacional de 2022 pelo IBGE tem peso na comparação 2020/2026, provavelmente, observa o porta-voz da IPC Marketing Editora, responsável pela publicação. Um outro recorte, de 2022 para 2026, no entanto, continua mostrando o Litoral Norte em destaque – mesmo quando a comparação é feita com os municípios líderes do ranking IPC Maps gaúcho. Confira:

Compare a tabela acima com a tabela abaixo. Os volumes são muito distantes, porém, dos oito municípios litorâneos analisados, sete tiveram uma variação bem superior ao município gaúcho de maior expansão entre os cinco líderes do IPC Maps, que foi Canoas. E todos estão muito acima da média percentual gaúcha.

Potencial de consumo (R\$ bi)	2022	2026	Var.%
POA	57,602	84,495	+46,69%
Caxias do Sul	20,925	31,617	+51,09%
Canoas	12,267	19,375	+57,95%
Santa Maria	10,147	15,760	+55,32%
Pelotas	10,055	15,383	+52,99%
RS	418,496	566,281	+35,31%

Potencial de consumo (R\$ bi)	2022	2026	Var.%
Capão da Canoa	1,831	3,661	+99,95%
Tramandaí	1,492	2,790	+86,99%
Torres	1,331	2,248	+68,90%
Imbé	0,739	1,526	+106,50%
Xangri-Lá	0,581	0,896	+54,22%
Cidreira	0,512	0,874	+70,70%
Baln. Pinhal	0,431	0,777	+80,28%
Arroio do Sal	0,330	0,618	+87,27%

Índice revela baixa sustentabilidade

No Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades – Brasil (IDSC/BR), as cidades são classificadas conforme se comportam frente aos 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), que são metas globais estabelecidas pela ONU como parte da Agenda 2030. A pontuação tem as seguintes

classificações: 80 a 100 para nível muito alto; 60 a 79,99 para alto; 50 a 59,99 para médio; 40 a 49,99 para baixo; e 0 a 39,99 para muito baixo. O índice é renovado anualmente, de acordo com o que há de mais atual nas bases públicas oficiais. A próxima atualização está prevista para o final de agosto.

Para ver a performance em cada um dos ODS, consulte idsc.cidadessustentaveis.org.br

Público 50+ valoriza o senso comunitário

O Litoral Norte tem sido a região escolhida, sobretudo, pela geração 50+, que pouco lembra os aposentados de décadas passadas, pois protagonizam a chamada “economia prateada”. Nas palavras do economista Carlos Paiva, os aposentados são grandes demandantes de serviços, a área das atividades mais empregadoras.

“Esse grupo é um verdadeiro tesouro. Eles não disputam com agentes produtivos já existentes e mobilizam comércio e serviços. A oferta segue a demanda. Além de gerar impostos, que sustentam as deficitárias receitas Estadual e municipais, o movimento deles atrai micro e pequenos empresários, prestadores de serviços que, por sua vez, mobilizam a construção civil, os negócios imobiliários e as atividades financeiras”, detalha. Por ser a região que mais cresce em população, ele afirma que o Litoral já cumpre um papel estratégico para a sustentação da economia do Estado.

Para Valdirene dos Reis Alves, 54 anos, que já alterou seu título eleitoral para Tramandaí, o que chamou a atenção foi o senso de comunidade que encontrou no Litoral, diferente do que via em Canoas, onde morava até se aposentar em 2024. Ivone de Oliveira Costa, 73 anos, nem se imagina vivendo de volta em Viamão, após um ano de Litoral Norte, onde afirma ter mais liberdade, plenamente atendida por serviços e comércios, nas proximidades de casa, se movendo a pé.

Karin Diefenbach Moreira, 68 anos, ex-moradora de Novo Hamburgo, só sente falta dos filhos e dos netos e de mais nada depois de optar por se fixar em Tramandaí, mesmo estando em uma região mais afastada do centro.

As três são colegas no projeto Universidade 50+, desenvolvido



Projeto do Sesc-RS em parceria com o Senac Litoral tem grande procura

pelo Sesc-RS em parceria com o Senac Litoral, que acaba de inaugurar uma turma em Tramandaí. As 30 vagas se esgotaram rapidamente. A entidade conta também, na praia e em Osório, com o grupo de Maturidade Ativa, que cresce ano a ano e soma mais de 600 participantes – entre eles, muitos aposentados que passaram a morar na praia nos últimos cinco anos.

É o caso de Valdirene, que, junto do marido autônomo, pretendia se manter em Canoas após encerrar a trajetória profissional. Uma temporada na residência de veraneio mudou tudo. “Nos apaixonamos”, resume ela. “Esperamos não precisar mais voltar nem morar em outro lugar. Inclusive, compramos um terreno aqui, como investimento”, conta. Aos casal, se juntou a avó dela, de 96 anos.

A família é cliente ativa do comércio e serviço locais mesmo antes de morar na cidade e frequentadora assídua de restaurantes locais. O principal ganho é no bem-estar geral. “Me fez muito bem. Eu tinha problemas emocionais, inclusive tomando remédio. Atualmente, eu não tomo nem paracetamol”, confidencia.

Ivone é outra que encontrou na praia um dinamismo social que não tinha na região metropolitana. Atualmente, mantém uma agenda de atividades diversas. “A qualidade de vida é outra”, assegura. Ela, que tem formação em Filosofia, afirma que a chegada de novos moradores está impulsionando um movimento social e cultural na cidade.

Quando decidiu se mudar para o Litoral, tentou primeiramente Cidreira, onde a família veraneava. Mas avaliou que a estrutura era deficitária para moradia permanente. Ela descreve o comércio e os serviços em Tramandaí como adequados e abundantes.

Entre Cidreira e Tramandaí, mora a pedagoga Karin, há três anos e meio. “Vou com muita

frequência para o centrinho de Nova Tramandaí”, conta. Ela frequenta lojas, brechós promovidos por amigas, cafés, restaurantes e pizzarias, inclusive na vizinha Imbé. Entende que, para o público 60+, tem boas opções de atividades, que ela não via em Novo Hamburgo. Para atendimentos de saúde, costuma voltar à cidade de origem.

Prós

- ▶ Facilidade para conhecer pessoas, criar vínculos e desenvolver uma rede de convivência.
- ▶ Distâncias menores facilitam o dia a dia e reduzem o tempo gasto com deslocamentos. O ambiente estimula lazer e atividades ao ar livre.
- ▶ Comércio e serviços especializados evoluíram significativamente, contando com profissionais capacitados em diversas áreas – inclusive saúde, se considerada a privada, com custos menores e atendimento mais ágil em comparação à Capital, especialmente Capão da Canoa.

Contras

- ▶ Percepção de que a expansão populacional foi mais rápida do que a capacidade de adaptação das cidades, embora “tenha melhorado muito”.
- ▶ Preocupação com abastecimento de água e energia elétrica durante a alta temporada e com alagamentos de ruas em períodos de chuva intensa.
- ▶ Críticas à concentração de melhorias em períodos que antecedem o verão e nas áreas centrais, em vez de uma manutenção contínua ao longo do ano e em todos os bairros.
- ▶ Ausência de shopping center, cinema e opções culturais, assim como menor variedade em comparação com grandes cidades.

REPORTAGEM ESPECIAL

Bem-estar, oportunidades e necessidades básicas abaixo da média gaúcha

Loraine Luz, especial para o JC
De Cidreira

Com exceção de Xangri-Lá, os principais municípios à beira-mar analisados neste panorama ficaram abaixo da média gaúcha e da média nacional no ranking do Índice de Progresso Social (IPS) 2026, divulgado em maio. Para calcular as notas (de 0 a 100), são considerados de 53 a 57 indicadores de diferentes fontes públicas, como DataSUS, IBGE, Inep e Map Biomais. O resultado contempla três dimensões: fundamentos do bem-estar, oportunidades e necessidades humanas básicas. O IPS passou a ser calculado a nível municipal em 2024. Devido a mudanças nos indicadores e tratamentos estatísticos, 2024, 2025 e 2026 não são estrita-

mente comparáveis. No sistema do IPS, o município é qualificado como relativamente **forte**, relativamente **neutro** ou relativamente **fraco** em cada uma das três dimensões, a partir de uma média de avaliações de diferentes aspectos. Exemplos: em “necessidades humanas básicas”, são avaliados cuidados médicos primários, moradia, segurança, água e saneamento; em fundamentos do bem-estar entram ensino, acesso à informação e comunicação, hábitos alimentares e doenças, além de qualidade de meio ambiente; em oportunidades, a terceira dimensão do estudo, são observados aspectos como inclusão social, acesso ao Ensino Superior e direitos universais e liberdades individuais.



Xangri-Lá é exceção e ficou acima da média gaúcha no IPS

Nota média do Brasil: 63,40
Nota média do RS: 63,39 ▶ 10º lugar no país

Cidade	IPS 2026	Ranking RS Posição entre os 497 municípios
1º Xangri-Lá	63,61	170º
2º Capão da Canoa	61,21	292º
3º Torres	61,01	305º
4º Imbé	60,42	341º
5º Arroio do Sal	60,22	348º
6º Balneário Pinhal	59,16	388º
7º Tramandaí	58,76	409º
8º Cidreira	56,16	476º

Como se saíram os principais municípios gaúchos à beira-mar

Xangri-Lá
No geral, é relativamente **neutro** em cada uma das três dimensões. Entre os pontos positivos (fortes) aparecem nutrição e cuidados médicos básicos, densidade e cobertura de serviços de Internet e telefonia móvel, além de praças e parques em áreas urbanas. Já as categorias moradia, acesso ao conhecimento básico, supressão da vegetação primária e secundária recebem legenda vermelha (relativamente **fraco**).

Capão da Canoa
É relativamente **neutro** para necessidades humanas básicas – com moradia sendo o principal viés negativo – e para fundamentos do bem-estar, no qual é desafiante o acesso ao conhecimento básico mas muito positivo o acesso à informação e comunicação. O município é relativamente **fraco** para oportunidades, nas quais o acesso à cultura, lazer e esporte é um ponto de exceção e inclusão social tem a pior performance.

Torres
É relativamente **forte** para fundamentos do bem-estar, com grande destaque na categoria acesso à informação e comunicação (onde avaliam cobertura e densidade de internet). Para oportunidades é **fraco**, puxado especialmente pela categoria inclusão social. Para necessidades humanas básicas, é **neutro**, mantendo índices médios na maioria dos tópicos, porém sendo desafiado pelo aspecto segurança pessoal.

Imbé
É relativamente **neutro** para necessidades humanas básicas e para oportunidades – em que inclusão social é o viés mais negativo, mas o acesso à Educação Superior se destaca bem. Fundamentos do bem-estar é sua dimensão relativamente **forte**, com cobertura e densidade de internet muito bem, mas acesso ao conhecimento básico **fraco**.

Arroio do Sal
As categorias mais positivas destacam a cobertura e densidade de Internet e o acesso à Educação Superior. As categorias mais negativas estão em moradia e em saúde (incluindo hábitos alimentares). No conjunto, é um município relativamente **neutro** em necessidades humanas básicas e oportunidades, e relativamente **forte** em fundamentos do bem-estar.

Balneário Pinhal
A dimensão das necessidades humanas básicas tem o pior desempenho, com segurança como desafio principal. O município é relativamente **neutro** em oportunidades (em que se destaca a paridade de gênero na Câmara Municipal) e em fundamentos do bem-estar, nos quais pesam a evasão e a reprovação no Ensino Médio, além de algumas categorias sobre saúde e obesidade.

Tramandaí
Foi qualificado como relativamente **neutro** nas três dimensões. As categorias com pior desempenho são acesso ao conhecimento básico, moradia, saúde e bem-estar, segurança pessoal e inclusão social. A única relativamente **forte** é acesso à informação e comunicação (cobertura e densidade de serviços de internet).

Cidreira
Enfrenta o pior desempenho na dimensão oportunidades; as outras duas têm performances relativamente **neutras**. Um olhar sobre as categorias revela fraquezas em segurança pessoal, saúde e bem-estar. Já o acesso à informação e comunicação reúne os tópicos com mais força (como em todos os municípios descritos aqui, o destaque está na cobertura e densidade de serviços de internet).

FONTE: IPSBRASIL.ORG.BR

Investimentos recentes na região

Turismo e pavimentação
No início do mês, o governo do Estado anunciou investimentos de R\$ 7,3 milhões destinados à pavimentação de trechos da rodovia Interpraia, em Torres, por meio do Programa Avançar no Turismo. Também em julho, formalizou o repasse de R\$ 24 milhões destinados a projetos de infraestrutura turística em Capão da Canoa, Cidreira e Santo Antônio da Patrulha, bem como os municípios do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento Regional da Bacia do Rio Tramandaí e do Rio Mampituba.

Estrutura de saúde
▶ A prefeitura de Xangri-Lá inaugurou em maio um novo Pronto Atendimento 24h Erguida com recursos próprios, a nova unidade tem 2.730 metros quadrados e é cerca de oito vezes maior do que a antiga.
▶ Ano passado, a Unimed Porto Alegre inaugurou uma unidade própria em Capão da Canoa, investimento de aproximadamente R\$ 1,5 milhão. Segundo a cooperativa, Osório, Capão da Canoa e Torres lideram o crescimento na base de beneficiários na região. Nos planos de pessoa física, o maior volume está concentrado nas faixas de 0 a 18 anos e 59 anos ou mais, indicando uma combinação entre famílias com crianças e população mais madura. A pediatria foi a especialidade com maior crescimento proporcional na demanda. Já nos planos empresariais, o avanço ocorreu em todas as faixas etárias, com destaque para o grupo de 19 a 58 anos, que representa 69,4% do crescimento total de beneficiários corporativos na região, um indicativo da ampliação da população economicamente ativa no litoral.

Esgoto sanitário
Segundo a Corsan Aegea, Torres deverá ser a primeira cidade do Litoral Norte a alcançar a meta de universalização deste serviço nas zonas urbanas. Os investimentos nisto chegam a mais de R\$ 44 milhões em obras de ampliação e modernização do sistema de esgotamento sanitário. Os municípios do Litoral Norte atendidos pela Corsan Aegea produzem 14 milhões de metros cúbicos de esgoto, e somente 36% disso são tratados. Em um ano, são quase 3,5 mil piscinas olímpicas de esgoto bruto jogado no meio ambiente. Em 2025, a empresa afirma ter investido R\$ 102 milhões na região, voltados à ampliação de redes de água e esgoto, estações de tratamento, elevatórias e infraestrutura.

* Loraine Luz é jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), atua como freelancer desde 2007, depois de 12 anos de experiência em redação de jornal impresso.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Instituto do Câncer Infantil investe em expansão

Novo prédio terá laboratórios e espaços fundamentais para diagnóstico e tratamento

Sofia Kramp Leke
sofia@jcrs.com.br

A pesquisa científica desenvolvida no Instituto do Câncer Infantil (ICI), em Porto Alegre, não fica restrita aos laboratórios. O conhecimento produzido pela instituição ajuda a aperfeiçoar diagnósticos, orientar protocolos clínicos e buscar tratamentos mais eficazes para crianças e adolescentes com câncer. No mês em que se celebra o Dia Nacional da Ciência e do Pesquisador - em 8 de julho - o instituto destaca essa atuação e prepara uma nova etapa, com a ampliação da sede. Entre os principais trabalhos coordenados pelo ICI está o estudo sobre o sarcoma de Ewing, câncer raro e agressivo que afeta principalmente ossos e tecidos de crianças e adolescentes.

Segundo o médico oncologista e superintendente de Ensino e Pesquisa do ICI, André Brunetto, a atuação da entidade está organizada em três frentes. "A nossa missão no planejamento estratégico sempre foi salvar vidas, queremos aumentar os índices de cura do câncer infantil. E a gente faz isso através de três pilares: assistência, ensino e pesquisa."

Em 2025, o ICI manteve 37 projetos científicos nas áreas de pesquisa clínica, laboratório, bioinformática e Núcleo de Atenção ao Paciente. Foram publicados 12 trabalhos em revistas nacionais e internacionais e apresentados 21 estudos em congressos.

A rede reúne mais de 60 instituições parceiras. Conforme Brunetto, mais de 700 pacientes já foram atendidos apenas pelo protocolo de sarcoma de Ewing



INSTITUTO DO CÂNCER INFANTIL/DIVULGAÇÃO/JC

Reconhecida como a melhor ONG gaúcha, instituição visa aprimorar os índices de cura através de pesquisa, ensino e assistência

no Brasil e em outros países da América Latina.

A ampliação da sede deve reforçar essa estrutura. O projeto prevê um prédio anexo de 937 metros quadrados, com laboratório, consultórios, espaços de fisioterapia, ações pedagógicas, TeleOncoped e cuidados paliativos. O governo do Rio Grande do Sul destinou R\$ 2 milhões à obra, enquanto o Instituto assumiu uma contrapartida de R\$ 2,31 milhões. O total supera R\$ 4,3 milhões.

A expansão dá continuidade a uma história iniciada em 1991. Criado a partir da mobilização de profissionais da saúde, comunicadores e integrantes da comunidade, o ICI nasceu para aumentar as chances de cura e apoiar as famílias. Em 1995, participou da construção do Serviço de Oncologia Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. No ano seguinte, foi criada uma Casa de Apoio para acolher pacientes vindos do Inte-

rior e familiares que precisavam permanecer na Capital.

Com o passar dos anos, o atendimento avançou para além dos procedimentos hospitalares. O Núcleo de Atenção ao Paciente reúne profissionais de psicologia, fisioterapia, nutrição, odontologia, pedagogia, fonoaudiologia e serviço social. A instituição também oferece auxílio com medicamentos, exames, transporte, alimentação, roupas e outros itens necessários para a continuidade do tratamento.

De acordo com dados do Relatório de Atividades de 2025 do instituto, o núcleo realizou 19.227 atendimentos e assistiu 633 crianças e adolescentes, incluindo 130 novos pacientes. As ações alcançaram 2.532 famílias. Também foram distribuídos 34.838 alimentos, 23.202 peças de roupas e 10.422 lanches. Os números dimensionam uma rotina marcada por consultas, dificuldades

financeiras, viagens frequentes, afastamento da escola e mudanças na organização familiar.

Brunetto avalia que o apoio social é indispensável para evitar que a condição econômica interrompa o cuidado. "O segundo desafio, que eu acredito que é tão importante quanto, é dar um suporte para que a família tenha condições de fazer todas as etapas do tratamento, que são famílias de baixa renda, que às vezes têm dificuldade com transporte ou vestuário, alimentação, então a gente dá todo esse apoio".

A estrutura é mantida por doações, campanhas, eventos, convênios públicos, incentivos fiscais e parcerias. Em 2025, o Instituto registrou receita bruta de R\$ 25,38 milhões. Foram aplicados R\$ 1,28 milhão em pesquisas científicas, R\$ 2,66 milhões em projetos de oncologia pediátrica, R\$ 3,69 milhões em benefícios diretos aos pacientes e R\$ 1,70 milhão nas

áreas multidisciplinares.

O trabalho também recebeu reconhecimento nacional. Em 2023, o ICI foi eleito a melhor ONG do Brasil e a melhor organização na área da saúde pelo Prêmio Melhores ONGs. Em 2025, foi reconhecido como a melhor ONG do Rio Grande do Sul. Também recebeu os prêmios Top Ser Humano e Top Cidadania, da ABRH-RS, e o Prêmio Sou do Esporte pela 30ª Corrida pela Vida.

Para Brunetto, o sonho da instituição é poder levar a cura para todos jovens, independente de onde nasceu. "Nosso sonho é, através desses pilares que temos de ensino, pesquisa e assistência, conseguir entregar os melhores índices de cura para todas as crianças, independente se nasceu em Porto Alegre, se nasceu no interior do Rio Grande do Sul ou se nasceu em outro Estado. Quero que cada criança no Brasil tenha a mesma chance de cura".

TeleOncoped aproxima especialistas e acelera encaminhamentos

O diagnóstico precoce permanece entre os principais desafios do câncer infantojuvenil. Como os primeiros sinais podem ser confundidos com doenças comuns da infância, os pacientes nem sempre chegam rapidamente a um centro de referência. Para encurtar esse caminho, o ICI mantém o TeleOnco-

ped, um serviço desenvolvido em parceria com o governo gaúcho.

Por meio da plataforma digital e linha telefônica gratuita, profissionais da atenção básica e de unidades de saúde podem discutir casos suspeitos com especialistas, compartilhar exames e receber orientação sobre o enca-

minhamento. O projeto também oferece capacitações a distância e atendimento presencial em ambulatório de triagem.

Em 2025, o TeleOncoped realizou 287 atendimentos, onde 108 foram através de telemedicina e 179 presenciais. Ao todo, 80 pacientes foram encaminhados e 60

casos de câncer foram confirmados. O programa ainda registrou 554 inscritos em capacitações para profissionais da saúde.

Como o câncer infantil não possui um exame geral de rastreamento, a identificação depende, principalmente, da atenção aos sinais. A preparação de

equipes e de uma rede capaz de encaminhar rapidamente os casos suspeitos também são extremamente necessário em casas de saúde. Para o superintendente, mais do que criar novos hospitais, é necessário fortalecer as políticas públicas e a conexão entre os serviços existentes.

*Sujeito a análise de crédito.

Tá com crédito

Soluções de crédito
com ótimas taxas.*

Precisando de capital de giro?

Banrisul Capital de Giro

- Prazo de até 36 meses para pagamento
- Aceita uma ampla variedade de garantias
- Crédito em conta corrente na data do registro da operação
- Condições especiais com taxas atrativas para o seu negócio

Precisando renovar o estoque?

Conta Única

- Isenção de tarifa na contratação
- Renovação automática
- Diversificação de garantias
- Comodidade no pagamento dos encargos por meio do débito em conta corrente

Quer investir na sua empresa?

Desconto Digital de Duplicatas

- Liquidez imediata para o seu negócio
- Processo digital e simplificado
- Antecipação de duplicatas com vencimento em até 180 dias
- Operações isentas de tarifa de abertura de crédito

Saiba mais:



 **banrisul**
empresas